

A ESTRUTURA PROSÓDICA DA PREPOSIÇÃO PARA DO PORTUGUÊS DO BRASIL.

Adriana Gazola*

Resumo: Neste artigo, verifico que as palavras funcionais, especialmente as preposições, revelam propriedades fonológicas diferentes das palavras lexicais. Portanto, o objetivo deste trabalho é discutir que as preferências da prosodização superficial das palavras funcionais refletem, simplesmente, o modo como elas são organizadas nas palavras prosódicas da sentença.

Palavras-chaves: Palavras funcionais. Estrutura prosódica. Preposição.

Abstract: In this paper, I state that function words, especially prepositions, display phonological properties that are different from those of lexical words. Thus, the aim of this work is to evince that options in the surface prosodization of function words simply reflect the manner in which these words are organized as prosodic words in the sentence.

Keywords: Function words. Prosodic structure. Preposition.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo mostrar, de um modo geral, que as palavras de categorias funcionais, em especial as preposições, parecem exibir propriedades fonológicas diferentes das palavras de categorias lexicais. Para isso, busca-se obter, dentro da literatura da fonologia sintagmática, um panorama geral da estrutura prosódica das palavras funcionais em diferentes línguas.

Partindo desses objetivos maiores e mais gerais, o presente estudo traça um objetivo mais específico, no qual delimita, como seu objeto de estudo, dentro da classe das preposições do português do Brasil, a preposição *para*. Busca-se, dentre outros objetivos, atestar a hipótese de que esta preposição não aparece na forma contraída *pra*, em final de sentença, mais especificamente,

* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Atua na área da Sintaxe Gerativa e da Linguística Histórica. E-mail: adrianagazola0709@yahoo.com.br.

em sentenças do tipo interrogativa incompleta, isto é, sem complemento, como mostra o caso a seguir:

(1) a. Ele foi *para*?

b. Ele foi *pra*?

A fim de constatar tal hipótese, formula-se algumas sentenças de caráter semelhante a (01a) e a (01b), e busca-se, por meio de um experimento com seis falantes da língua portuguesa, verificar a preferência deles quanto aos dois tipos de contextos descritos acima.

Além disso, objetiva-se descrever a estrutura prosódica de *para* no contexto acima, a fim de checar o modo como tal vocábulo se organiza dentro das palavras prosódicas na sentença, e sob quais circunstâncias. Com isso, pretende-se comprovar que tal palavra funcional pode aparecer tanto em uma forma fraca de acento como em uma forma forte, dependendo, assim, de sua posição na sentença.

Para este trabalho, serão utilizadas, como fundamentação teórica, mais especificamente, as propostas de Guglielmo Cinque (1993), Elisabeth Selkirk (1995) e Marina Vigário (1999), as quais tratam, comumente, de descrever as estratégias de focalização na língua, por meio da interface Sintaxe-Fonologia.

1 Considerações Teóricas

1.1 Estrutura Prosódica e Teoria da Otimalidade

Alguns autores¹ defendem a Teoria da Estrutura Prosódica como base para a Teoria da Fonologia da Sentença. A Teoria da Estrutura Prosódica sustenta que uma sentença é dotada com uma estrutura prosódica organizada hierarquicamente, a qual é diferenciada da estrutura morfológica da sentença. Ela acentua também que fenômenos fonológicos e fonéticos de uma frase são defendidos em termos de unidades da estrutura prosódica, não da estrutura morfossintática.

¹Selkirk 1978, 1981, 1986, 1989; Nespor; Vogel 1982, 1986; Inkelas 1989; Inkelas; Zec 1991; Selkirk; Shen 1990.

De acordo com essa teoria, sentenças de algumas línguas podem ser organizadas dentro de uma estrutura cujas categorias são traçadas por meio da posição que definem na Hierarquia Prosódica, representada logo abaixo, conforme Selkirk (1978):

A Hierarquia Prosódica (Selkirk, 1978):

Utt	(<i>Utterance</i>)	Pronúncia
IP	(<i>Intonational Phrase</i>)	Sintagma Entoacional
PPh	(<i>Phonological Phrase</i>)	Sintagma Fonológico
PWd	(<i>Prosodic Word</i>)	Palavra Prosódica
Ft	(<i>Foot</i>)	Pé
σ	(<i>Syllable</i>)	Sílaba

Selkirk (1984) apresenta um modelo de Gramática no qual o componente prosódico atua como mediador entre Sintaxe e Fonologia, postulando dois tipos de organização hierárquica nas representações fonológicas: (i) a estrutura prosódica de constituintes e (ii) a estrutura rítmica. No primeiro tipo de organização, as unidades prosódicas (pé, palavra fonológica, frase entoacional etc.) aparecem progressivamente encaixadas em unidades maiores, formando “parentetizações etiquetadas”, de modo bastante semelhante com a formalização adotada para a estrutura sintática. O segundo tipo consiste numa hierarquia de níveis métricos que, representada por meio de uma grade, especifica periodicidades de ritmo recorrentes.

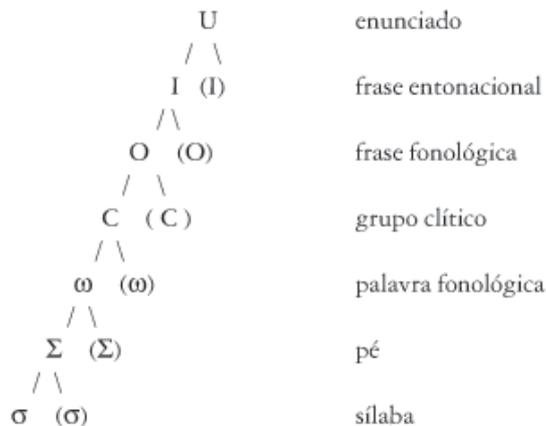
Desse modo, a representação fonológica de Selkirk integra (i) uma estrutura prosódica de constituintes; (ii) um conjunto de níveis autosegmentais; (iii) uma estrutura rítmica e, finalmente, (iv) a especificação de linhas de associação entre esses diferentes aspectos da representação (SELKIRK, 1984, p.33). A abordagem de Selkirk (1984) tem a vantagem de integrar a Prosódia num modelo geral de Gramática. Assim, pode-se constatar que a estrutura prosódica constitui entidade distinta e independente da sintática, mas que com ela se relaciona por meio dos domínios hierárquicos, que se aplicam à saída do componente sintático.

Posição diferente da de Selkirk assumem Inkelas e Zec (1990) e Zec e Inkelas (1995), que idealizam um modelo de Gramática no qual Sintaxe e Prosódia interagem bilateralmente. Com base em evidências sobre (i) colocação clítica e (ii) construções topicalizadas da língua Servo-Croata, os autores

mostram que a Prosódia pode ter conseqüências diretas na Sintaxe e, em função disso, argumentam que “*abordagens que não permitam qualquer efeito da fonologia sobre a sintaxe são claramente inadequadas para descrever e interpretar dados conhecidos (...)*”. Por isso mesmo, concluem que “*a influência da estrutura prosódica sobre a sintaxe pode ser expressa, num modelo não-derivacional, como fonte adicional de recursos para a construção das representações sintáticas, da mesma forma que o é a sintaxe para as representações fonológicas*” (INKELAS; ZEC, 1990, p. 365-6).

Nespor e Vogel (1986), por sua vez, propõem que a palavra fonológica seja o constituinte mais baixo da escala prosódica, que representa a interação entre morfologia e fonologia. De acordo com *Strict Layer Hypothesis*, em que se fundamenta essa escala, cada constituinte prosódico é a unidade composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior. Por conseguinte, o pé ou os pés devem estar exhaustivamente contidos na palavra que os domina, conforme a Escala Prosódica:

(1) Escala prosódica



Nessa perspectiva, a menor unidade é a sílaba, a qual combina dois ou mais segmentos em torno de um pico de sonoridade, em que sílabas se agrupam para formar pés. O pé ou os pés métricos vão constituir a palavra fonológica que se combina com um clítico para formar o grupo clítico e, assim, sucessivamente até chegar à unidade máxima, o enunciado. Cada unidade prosódica, por sua vez, é um constituinte imediato que, por definição, expressa uma relação de dominância em termos de forte/fraco. Na sílaba, o forte é o membro de maior sonoridade, ou seja, a rima, e o fraco é o ataque; no pé, apenas uma sílaba é

forte; na palavra, o forte é a sílaba com acento projetado pelo pé métrico e o fraco são as sílabas não acentuadas.

Por fim, temos a visão da Teoria da Otimalidade, segundo a qual não há um mapeamento unidirecional da estrutura sintática para a estrutura prosódica, bem como não há parâmetros. Apesar de ser uma teoria gerativa, a chamada Teoria da Otimalidade se diferencia drasticamente da Teoria Chomskyana.

A Teoria da Otimalidade, proposta inicialmente por Prince e Smolensky (1993), é uma teoria que questiona a análise gramatical através de módulos. De acordo com este modelo, uma gramática particular é o resultado do ordenamento de um conjunto de princípios universais, isto é, aplicados em todas as línguas, mas violáveis. Como todos os princípios são processados paralelamente, pode haver um conflito entre vários deles, tornando-se impossível satisfazer a todos. Somente em uma situação de conflito, um princípio pode ser violado. Uma hierarquização de princípios processados em paralelo desempenha um papel fundamental neste modelo, portanto.

Truckenbrodt (1995, 1999) explora este ponto de vista e propõe que a formação de sintagmas fonológicos pode ser modelada através de uma tensão entre Embrulhe-XP (que é um princípio que requer que regência sintática seja considerada) e Alinhe-XP/ X^{lex} (que segmenta sintagmas fonológicos, acessando apenas fronteiras sintáticas à direita ou à esquerda). Assim, o autor retoma tanto a proposta de Selkirk (1986) quanto a proposta de Hale e Selkirk (1987) e as reformula em forma de princípios em conflito ao invés de parâmetros.

1.2 A proposta de Cinque (1993)

Guglielmo Cinque (1993) questiona se, juntamente com o constituinte sintático e os princípios da Gramática Universal, nós também precisamos de alguma regra fonológica específica à língua. Ele explora a possibilidade de que nenhuma condição específica da língua seja necessária e que a tendência do acento do sintagma possa ser inteiramente determinado na base da estrutura do constituinte sintático, dados os acentos das palavras e os princípios gerais das construções da teoria da grade métrica definidas em Halle e Vergnaud (1987).

Na teoria da grade métrica, o acento é representado em um plano auto-segmental, como o tom:

* *
torment

Quando as palavras são combinadas dentro de sintagmas, as “bordas” de acento de palavras individuais não são largamente afetadas, sendo o efeito da combinação uma simples indicação da proeminência mais forte para o acento principal de um constituinte acima dos outros. Em Inglês e Italiano, por exemplo, os constituintes, cujo acento principal é realçado sob condições normais, estão mais à direita. Isso é essencialmente o que a Regra de Acento Nuclear de Chomsky e Halle (1968) expressa.

O efeito desta regra será o de acrescentar novas linhas à grade métrica, uma para cada novo sintagma computado, do mais encaixado na sentença raiz, como se observa a ilustração da derivação do acento na sentença abaixo:

(1)

.	.	.	*	linha 6
(.	.	*	linha 5
.	(.	*	linha 4
*	*	(*	linha 3

[Jesus [preched to the [people of Judea]]]

De acordo com o princípio de “ciclo”, constituintes métricos que contêm parênteses não apagados, como [*preched to the [people of Judea]*], não podem ser computados até que o constituinte mais interno seja computado. O núcleo do constituinte é criado na quarta linha.

Quando dois ou mais constituintes são unidos dentro de um constituinte de nível mais elevado, as colunas dos asteriscos dos núcleos de constituintes são igualizadas pelos asteriscos adicionados às colunas menores. Logo, nessa teoria, o acento dos sintagmas e das sentenças é determinado por meio das mesmas regras e parâmetros utilizados para determinar o acento de palavras individuais.

Cinque levanta a hipótese de que não é por acaso que a Regra de Acento Nuclear dá proeminência ao constituinte mais à direita de um sintagma em línguas de ramificação à direita (a ramificação da língua implica, atualmente, a mesma direção da proeminência do acento). Assim, apenas dois tipos ge-

a articulação da “informação” da sentença dentro do foco e da pressuposição (Chomsky 1970); uma distinção que recorda outros termos tradicionais entre informação nova e informação dada, tema e rema, ou tópico e comentário.

Essas distinções pertencem à gramática do discurso, na qual elas determinam a relação do enunciado com enunciados que tem resposta possível, e com outras sentenças no discurso. Para exemplificar tal situação, tomemos o contexto de uma questão como (5a), que introduz *John* dentro do discurso, em que uma apropriada resposta terá *John* como parte da pressuposição e VP como foco. Diferentemente da situação (5.a.), em (6.a.), uma resposta a sua pergunta revelaria *John* como foco e o VP como a pressuposição:

- (5) a. What did John do?
b. [John] [left].

P F

- (6) a. Who left?
b. [John] [left].

F P

Assim, temos, para os dois casos, a proeminência absoluta da sentença recaindo sobre o sintagma que constitui o foco, o VP *left* em (5b) e o sujeito NP *John* em (6b). Note que nenhum caso tem algum acento contrastivo ou enfático envolvido. Por esta razão, o acento de (6b) tem sido ocasionalmente uma exceção à Regra de Acento Nuclear de Chomsky e Halle.

Mas, isso não é bem assim. Deve-se diferenciar o procedimento da gramática da sentença formal, que determina onde a proeminência de um sintagma será localizado (a Regra do Acento Nuclear e a Teoria Nula discutidas anteriormente), do procedimento do discurso gramatical, que determina que a proeminência do sintagma no foco recairá sobre aqueles do sintagma pressuposto.

Estes dois procedimentos, realmente diferentes, se realizam pelo fato do procedimento formal trabalhar em ambos. No sintagma, constituindo foco, e no sintagma, constituindo a pressuposição, como podemos ver com os casos um pouco mais complexo que (5) e (6) (onde “^” é menos proeminente que “”):

7. (Any news of John?)
[_{NP} Our poor child] [_{VP} is in bed with a ‘flú].

(Who's in bed with a 'flu?)

[_{NP} Our poor child] [_{VP} is in bed with a 'flû].

As duas pressuposições (o NP em (7) e o VP em (8)) e os focos (o VP em (7) e o NP em (8)) têm uma proeminência detectada, determinada pelo procedimento da gramática da sentença formal, aplicado a cada sintagma. Nestas condições, o procedimento da gramática do acento do sintagma pode ser concebido de um meio formal para localizar o acento principal de um sintagma (o constituinte mais encaixado de acordo com a Teoria Nula), e para marcar o grau relativo da proeminência de vários acentos no sintagma (em termos do respectivo número de asteriscos da grade métrica). O procedimento do discurso da gramática, em vez disso, deve impor a necessidade de que o acento principal do sintagma em foco seja mais proeminente que o acento principal da pressuposição.

Em uma das seções de seu trabalho, Cinque considera certas estruturas expondo um modelo de acento que é, à primeira vista, problemático para a Teoria Nula. No caso abaixo, por exemplo, poderemos ver que análises alternativas existem na literatura, as quais podem ser compatíveis com a Teoria Nula:

- (9) a. Loro stanno seguendo la lezione attentamente.
b. They are following the lecture attentively.

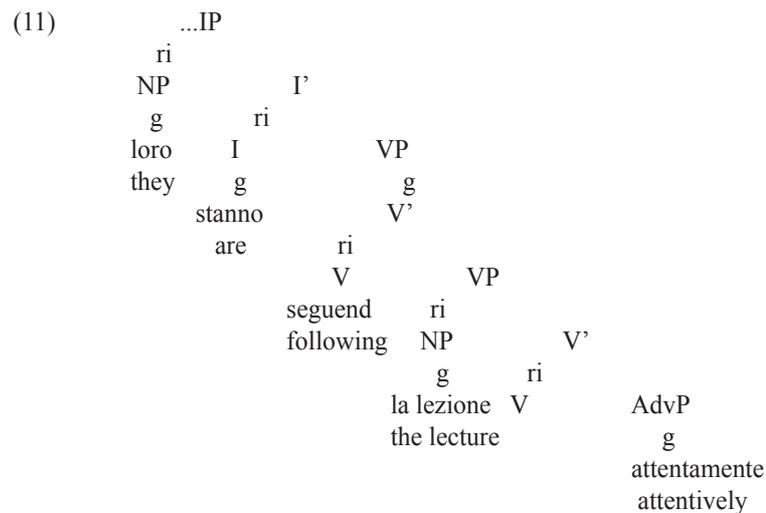
Tanto no Italiano quanto no Inglês, a melhor proeminência da sentença está, sob condições normais, no sintagma adverbial (AdvP), o constituinte mais à direita. Porém, esta informação é imprevista se a estrutura da sentença for aquela mostrada em (10), assumida tradicionalmente.

(10)

	...IP			
	ri			
NP		I'		
g		ri		
loro	I		VP	
they	g	ri		
	stanno	V'		Adv P
	are	ri	g	
		V		NP attentamente
		g		g attentively
		seguendo		la lezione
		following		the lecture

Nesta estrutura arbórea, o constituinte mais encaixado é o objeto N (mesmo abstraído da projeção extra do DP) e, conseqüentemente, de todos os constituintes de VP, receberia a melhor proeminência. Dada tal estrutura, o único caminho para o AdvP tomar o melhor acento seria colocá-lo como único constituinte em foco, com *stanno seguendo la lezione / are following the lecture* constituindo a pressuposição (como é o caso do contexto de uma questão como *How are they following the lecture?*). Mas isso é claramente desnecessário. A sentença (9) pode ser uma resposta para *What are they doing*, com todo o VP em foco.

De acordo com Cinque, felizmente, há evidências de que a estrutura (10) está incorreta. Pois, objetos, assimetricamente, c-comanda VP adverbiais na Estrutura-S. Portanto, uma representação mais precisa de (9a) e (9b) seria algo como mostrado em (11), em que o AdvP realmente se qualifica como o constituinte mais encaixado do VP.



Se for desse modo, o padrão do acento não marcado dos casos (9a) e (9b) com acento principal no VP adverbial é precisamente o que a Teoria Nula prevê.

1.3 A proposta de Selkirk (1995)

Parece que as línguas, de um modo geral, fazem uma distinção entre as palavras pertencentes a categorias lexicais (verbos, nomes, adjetivos e advérbios) e aquelas pertencentes a categorias funcionais (determinantes, preposições, artigos, conjunções). É por meio dessas diferenças que tais categorias desempenham um papel importante na caracterização das propriedades sintáticas das sentenças (CHOMSKY 1986; POLLOCK 1989).

De acordo com alguns autores como Selkirk, 1972, 1984, 1986; Nespor e Vogel 1986; Inkelas 1989; Zec 1993, as palavras funcionais apresentam propriedades fonológicas significativamente diferentes das palavras lexicais. No Inglês, por exemplo, as palavras monossilábicas podem aparecer tanto em uma forma átona fraca quanto em uma forma tônica forte, dependendo da posição que ocupam na sentença. Já as palavras lexicais dessa língua sempre aparecem em uma forma irredutivelmente tônica.

Em sua teoria, Selkirk acentua que um sintagma de uma ordenação de palavras lexicais (Lex) na representação morfossintática (Estrutura-S) são “prosodizadas” como uma seqüência de palavras prosódicas (PWd) dentro da representação fonológica (Estrutura-P), como exposto abaixo:

Representação morfossintática: Estrutura-S [Lex Lex]
 Representação fonológica: Estrutura-P $((lex)_{PWd} (lex)_{PWd})_{PPH}$

Já as palavras funcionais, quanto à estrutura prosódica de seus sintagmas, podem se “prosodizar”, ao contrário das lexicais, de várias maneiras: ou como uma palavra prosódica ou como um dos três tipos de clítico prosódico (clítico livre, clítico interno e clítico afixo). Desse modo, será discutido que opções na “prosodização” superficial de palavras funcionais refletem o modo em que tais palavras são organizadas dentro das palavras prosódicas na sentença. Assim, quando nos referimos a um sintagma sintático do tipo [Fnc Lex], por exemplo, quatro diferentes organizações em palavra prosódica são verificadas:

Estrutura-S [Fnc Lex]
 Estrutura-P (i) $((fcn)_{PWd} (lex)_{PWd})_{PPH}$ Palavra prosódica
 Clíticos prosódicos:

- (ii) $(fcn (lex) \begin{matrix}) \\ PWd \quad PPh \end{matrix})$ clítico livre
- (iii) $((fcn \ lex) \begin{matrix}) \\ PWd \quad PPh \end{matrix})$ clítico interno
- (iv) $((fcn (lex) \begin{matrix}) \\ PWd \quad PWd \quad PPh \end{matrix}))$ clítico afixo

A proposta de Selkirk (1995), portanto, objetiva explicar o “porquê” das palavras funcionais aparecerem na ordem de estruturas prosódicas exposta acima, e em quais contextos. Além disso, a autora discute se uma palavra funcional, em uma configuração sintática particular de uma dada língua, é ou não uma palavra prosódica, e se não, que tipo de clítico prosódico ela representaria. Tal situação depende crucialmente da interação de vários tipos bem atestados de restrições para a estrutura prosódica. Estas diversidades de restrições – morfossintática e fonológica – contribuem para definir a organização prosódica de palavra funcional e fornecem um suporte para a teoria modular da estrutura prosódica exposta nos trabalhos de Selkirk 1989, 1993. Tais restrições encontram suporte na Teoria da Otimalidade, a qual sustenta que a classificação relativa das restrições constitui um aspecto central da descrição gramatical.

Restrições no Domínio Prosódico:

(em que C representa alguma categoria prosódica)

(i) Camada (*Layeredness*) nenhum C^i domina um C^j se $j > i$.

Ex. Nenhuma σ domina um pé

(ii) Núcleo (*Headedness*) qualquer C^i deve dominar um C^{i-1} (exceto se $C^i = \sigma$)

Ex. Uma PWd deve dominar um pé

(iii) Exaustividade (*Exhaustivity*) nenhum C^i imediatamente domina um constituinte C^j se $j < i-1$

Ex. Nenhuma PWd imediatamente domina uma σ .

(iv) Não recursividade (*Nonrecursivity*) nenhum C_i domina C_j se $j = i$.

Ex. Nenhum pé domina um pé.

Outra classe significativa é constituída por restrições no alinhamento das fronteiras dos constituintes. Selkirk (1986) argumenta que a relação entre estrutura sintática e estrutura prosódica deve ser capturada por restrições no alinhamento das duas estruturas, uma das quais requer que, para qualquer constituinte da categoria α na estrutura sintática, sua fronteira direita (ou esquerda) coincida com a fronteira do constituinte da categoria β , na estrutura prosódica:

A teoria de fronteira da interface sintaxe-prosódia (SELKIRK, 1986):

Fronteira direita/esquerda de α = => fronteira de β

α é uma categoria sintática, β é uma categoria prosódica

Selkirk (1995) discute sobre o alinhamento de palavras na representação morfossintática com as palavras prosódicas de representação fonológica. É aqui que se dá a diferença entre palavras funcionais e lexicais. Logo, a proposta da autora se posiciona no sentido de que uma série de restrições que governa a interface entre estrutura morfossintática e prosódica não faz referências a categorias funcionais. Com isso, Selkirk propõe dois tipos de alinhamento: um para a palavra morfossintática e outro para a palavra prosódica:

As restrições do alinhamento da palavra

(i) Align (Lex, L; PWd, L) (= WdConL)

(ii) Align (Lex, R; PWd, R) (= WdConR)

A restrição do alinhamento da palavra limita-se às palavras de categorias lexicais que se responsabiliza pela análise do clítico prosódico para palavras funcionais. O alinhamento da Palavra Prosódica revela que, para alguma palavra prosódica, na representação, sua fronteira à direita (esquerda) deve coincidir com a fronteira também à direita (esquerda) de alguma palavra lexical. Uma representação em que ambas fossem aceitas não irá conter palavra funcional em que tenha por si só o caráter de palavra prosódica. Assim, as restrições de alinhamento de palavra prosódica são formadas da explicação de que palavras funcionais tipicamente não possuem o status de palavras prosódicas.

Dentro de sua proposta teórica para a estrutura prosódica das palavras funcionais, Selkirk (1995) apresenta uma proposta de análise de formas fortes e fracas, isto é, tônicas e átonas para as palavras funcionais do Inglês. Esse

idioma apresenta um número grande de palavras funcionais monossilábicas, como preposições, verbos auxiliares, pronomes pessoais, que podem aparecer tanto na forma átona fraca e reduzida quanto na tônica forte e não reduzida. Este fato apresenta um desafio à Interação Sintaxe-Fonologia, uma vez que é preciso explicar o motivo de palavras funcionais aparecerem com diferentes “prosodizações” na mesma língua. Para a autora, tais “prosodizações” distintas resultam de diferentes estruturas de *input*, e que esta e a mesma restrição de classificação particular do inglês são responsáveis por derivar a variedade de estruturas prosódicas atestadas na superfície.

Em sua pesquisa, Selkirk pôde constatar que palavras funcionais pronunciadas isoladamente e itens de categorias lexicais monossilábicos, como os do quadro abaixo, aparecem em forma forte e, portanto acentuadas, isto é, tônicas:

(Fnc)	(Lex)
for	four
at	hat
would	wood
is	fizz

Quando as palavras funcionais aparecem focalizadas e posicionadas no final da sentença, também aparecem em forma forte. Porém, em situações em que tais palavras não aparecem em contextos de focalização e de fim de frase, elas se revelam na forma fraca. Nos casos em que elas são encontradas em final de sentença e como objeto de um verbo ou preposição, elas também se revelam em posição fraca. As palavras funcionais monossilábicas, ilustradas abaixo, aparecem em suas formas fracas², manifestando as propriedades de sílabas átonas como redução de vogal, aparência de sonorização silábica, perda do *onset* “h” etc:

² Nem todas as palavras funcionais monossilábicas aparecerão na forma fraca, em inglês, por exemplo *up, too, off*, etc. Selkirk, nesse caso, assume que aquelas palavras que se alternam entre formas fortes e fracas recebam status de “pê” como um resultado das restrições na superfície.

for	For Timothy
can	Can pile
him	<i>Need him</i>
at	<i>At home</i>

A Teoria Prosódica analisa as sílabas tônicas como a proeminente, ou apenas, sílaba do constituinte prosódico “pé”. Assim, as formas fortes de palavras funcionais monossilábicas em Inglês possuem o *status* de um núcleo de um pé e as formas fracas não. Nesse momento, Selkirk acentua que o *status* de núcleo do pé de formas fortes é, na maioria dos casos, a consequência da designação do status da Palavra Prosódica para as palavras funcionais. Ao contrário das formas fracas, que são clíticos prosódicos.

Nas situações em que as palavras funcionais são focalizadas, sempre aparecem na forma forte, como mostram os exemplos do Inglês:

(12) She spoke AT the microphone not WITH it.

(13) Bettina CAN speak, but refuses to.

(14) We need HER, not HIM.

É certo que, seja uma palavra funcional ou uma lexical, uma palavra focalizada é dotada de um acento tonal na estrutura morfossintática da sentença no inglês. Este acento tonal é provavelmente responsabilizado pela forma forte da palavra funcional focalizada. Tem-se notado, na literatura do assunto, que o acento tonal se associa a uma sílaba tônica (o núcleo de um pé). Logo, tal acento, quando designado a uma palavra na representação morfossintática, “nunca”, segundo Selkirk, será realizado na sílaba átona em estrutura prosódica. Para uma sílaba carregar um acento é preciso ser o pé de um núcleo. A mesma restrição explica porque a designação morfossintática de um acento tonal a uma palavra funcional monossilábica acarreta a forma forte de status de núcleo do pé de palavras funcionais em Estrutura-P.

Com isso, levanta-se a hipótese de que a forma forte de uma palavra funcional que está em foco é “convocada” por uma restrição requerida independentemente na relação entre estrutura tonal e estrutura prosódica. Diferentemente disso, a forma não focalizada de uma palavra funcional resulta, provavelmente, das restrições requeridas independentemente na relação entre estrutura tonal e estrutura prosódica.

A palavra funcional, quando isolada, aparece na forma forte. Seu status núcleo-pé recai imediatamente sobre a estrutura prosódica básica do princípio de núcleo. Uma pronúncia isolada é um enunciado, que é examinado no nível mais alto da Estrutura Prosódica, a categoria prosódica do Enunciado. De acordo com a Hierarquia Prosódica adotada neste trabalho, pelo Núcleo, o Enunciado deve dominar um Sintagma Entoacional, e este dominar um Sintagma Fonológico, que deve dominar uma Palavra Prosódica e a esta um pé. Daí, a forma forte da pronúncia isolada de uma palavra funcional monossilábica.

Em relação às palavras funcionais não finais, verifica-se que, na ausência do acento tonal, a estrutura prosódica de uma palavra funcional correlaciona com a posição em que palavras funcionais seguidas de uma lexical, dentro de um mesmo sintagma sintático, aparecem como forma fraca.:

(15) Diane **can** paint **her** portrait **of** Timothy **at** home.

(15) **But** **she** found **that** **the** weather **was** too hot **for** painting.

Selkirk assume que as seqüências [Fnc Lex], configuradas nas estruturas sintagmáticas a seguir, apresentam a palavra funcional encabeçando um Sintagma Funcional, que é seguido por um Sintagma Lexical, o qual é encabeçado pela palavra lexical. As estruturas b. e c. são representações dos exemplos (15) e (16):

a.	FncP		b.	MP		c.	DP	
	rh			rh			rh	
		LexP			VP			NP
		g			g			g
	Fnc	Lex		Mod	V		Det	N
	g	g		g	g		g	g
	fnc	lex		can	paint		the	weather

É na base desses *inputs* que a gramática das restrições na estrutura prosódica deriva a forma clítica prosódica fraca da palavra funcional *output*.

Levando em consideração o exposto acima, Selkirk levanta uma questão de caráter empírico: Qual é a estrutura prosódica que representa corretamente a estrutura de palavras funcionais fracas de sentenças não finais no inglês? Para tal pergunta, podemos ter a seguinte situação: a palavra funcional em posição não final do sintagma, seguida por uma palavra lexical [Fnc Lex] dentro do mesmo sintagma sintático, provavelmente, aparecerá em sua forma

fraca. A princípio, Selkirk apresenta diferentes estruturas prosódicas nas quais uma palavra funcional, em estruturas como a anterior, pode aparecer:

a. PPh	b. PPh	c. PPh	d. PPh
ty	g	g	ty
σ PWd	PPh	PWd	PWd PWd
g g	ty	ty	g
fcn lex	σ PWd	σ	σ
	fcn lex	g	g
clítico livre	clítico afixo	clítico interno	palavra prosódica

Essa discussão acentua-se, então, quando se questiona qual a melhor estrutura prosódica para representar as palavras funcionais fracas que não estejam no final de sintagmas. Para Selkirk, que adota as restrições de alinhamentos e vale-se da Teoria da Otimalidade, a representação da estrutura em (a) seria a ideal, pois revela a palavra funcional como um clítico livre, e não como uma palavra prosódica. Já para a representação de uma palavra funcional forte, em final de sintagma, a melhor opção seria a estrutura (d), pois, nessa posição, a palavra funcional (Fcn) é analisada como uma palavra prosódica (PWd).

Selkirk, por meio dessas análises, consegue estabelecer uma relação entre o caráter forte/fraco e lexical e funcional, ou seja, a autora infere o status lexical/funcional a partir do status forte/fraco.

1.4 A proposta de Vigário (1999)

Marina Vigário (1999) propõe uma análise em que define a posição das palavras funcionais no Português Europeu (PE), investiga como elas são prosodizadas no léxico e também apresenta alguns processos lexicais que se aplicam às palavras funcionais. Ela segue todos esses objetivos se apoiando em linhas teóricas mais recentes, como a de Selkirk (1995).

Vigário discute que as palavras funcionais, em especial as do tipo monossilábicas colocadas no quadro abaixo, são todas prosodicamente deficientes, de acordo com Anderson (1992), que acredita que elas não são completamente prosodizadas no léxico como são as palavras de “conteúdo”:

A pesquisa de Vigário sugere que, embora as classes das palavras funcionais do PE (preposições, artigos, pronomes pessoais clíticos, complementizadores e conjunções) estejam entre aquelas geralmente referidas como sendo fonologicamente fraca, podem se apresentar fonologicamente forte em outras línguas.

Levando em consideração que um número de operações morfológicas e regras fonológicas operantes na fonologia lexical deve referir-se a constituintes prosódicos no nível da palavra, Vigário propõe que a estrutura prosódica e morfológica seja construída no léxico. Assumindo, portanto, esta proposta, a autora afirma que há claras evidências de que palavras funcionais não são designadas de acento, como suas vogais sob redução vocálica. Os exemplos a seguir ilustram a presença obrigatória de vogais reduzidas em palavras monossilábicas de conteúdo para se opor às palavras funcionais:

- | | | |
|---------------------------|-----|---------|
| a. dê [e] | vs. | de [] |
| b. más [a] | vs. | mas [] |
| c. u (nome da letra) [u] | vs | o [u] |

Desse modo, podemos observar que, no PE, as palavras funcionais átonas não são “prosodizadas” como palavras prosódicas (PWds). Parece, então, que nessa língua, elas são “prosodizadas” no léxico como sílabas, mas não como pé ou PWds. Portanto, essas palavras funcionais não realizam alguns processos lexicais como a marcação de acento. Assim, Vigário levanta a hipótese de que elas realizam apenas processos de fonologia pós lexical. Contudo, há processos fonológicos, como a redução vocálica, que podem ser aplicados no componente lexical e afetar ambas palavras PWd e Lex. Em outras palavras, a redução das vogais é um processo ativado no léxico e que se aplica, sem restrição nenhuma, a palavras funcionais. Em PE, portanto, pode-se evidenciar que suas palavras funcionais são “prosodizadas” no léxico como sílabas, mas não são designadas como pé ou PWd, já que são elementos afetados por processos fonológicos que se aplicam no léxico. Assim, partindo da idéia de que palavras funcionais são elementos prosodicamente deficientes, Vigário pontua que eles precisam de um “hospedeiro” para apoiar-se, como no caso, os clíticos pronominais.

2 Experimento

O objetivo central deste experimento é atestar, por meio de entrevistas com falantes da língua portuguesa brasileira, a hipótese de que a preposição *para* não se apresenta na forma contraída *pra* no final de sentença, como sugerido a seguir:

Ele foi *para*?

E não

Ele foi *pra*?

Para este experimento, foram levantadas oito sentenças, em que a preposição *para* aparece em posição final:

- (1) O valor do frango vai diminuir *para*?
- (2) Vamos *para*?
- (3) Maria voltou *para*?
- (4) As crianças saíram *para*?
- (5) Meu filho viajou *para*?
- (6) Pedro foi transferido *para*?
- (7) Queriam partir *para*?
- (8) O progresso caminha *para*?

Essas sentenças foram apresentadas a seis falantes da língua portuguesa (que denominaremos aqui de falantes A, B, C, D, E e F), os quais deveriam aceitar as sentenças acima, com preposição *para* não contraída na posição final, ou rejeitá-las, e aceitar as mesmas sentenças com a preposição contraída *pra*. Logo, essa parte do experimento consistiu em apresentar aos falantes pares de sentenças, que se opunham quanto à forma da preposição *para*, se contraída ou não.

O quadro abaixo revela o grau da aceitabilidade, pelos falantes, das sentenças construídas com *para* em final de sentença (o elemento “x” representa a rejeição do falante pela construção com *para*, e automaticamente a aceitação da construção com *pra*):

Tipos de sentença	Grau de aceitabilidade do falante com posição de <i>para</i> nas sentenças.					
	A	B	C	D	E	F
1					X	
2	X					X
3						
4	X					
5	X	X	X			
6	X			X	X	
7						
8						

Como se pode notar, a posição preferida pelos falantes é a da preposição *para* no final da sentença, e não de sua forma contraída. As oito sentenças apresentadas aos seis falantes foram rejeitadas 10 vezes, de um total de 48 tentativas, representando, portanto, um percentual relativamente baixo (20,83%) de rejeição.

Assim, esses resultados confirmam a hipótese levantada, inicialmente neste trabalho, de que a preposição *para* não aparece na forma contraída *pra*, quando em final de sentença. Esta confirmação pode ser comprovada e explicada por meio das propostas teóricas expostas neste trabalho, as quais acentuam, de um modo geral, que palavras de categorias funcionais, como a preposição *para*, podem aparecer tanto em uma forma fraca quanto em uma forma forte de acento, dependendo da oposição que ocupa na sentença.

Como já vimos, línguas de ramificação à direita, como o português, devem apresentar os efeitos da Regra de Acento Nuclear (CHOMSKY; HALLE 1968), a qual aplica proeminência ao constituinte posicionado mais à direita. Tal fato comprova, portanto, que a ramificação da língua implica a mesma direção da proeminência do acento. Tomando como base a sentença (1) de nosso experimento, percebemos, inicialmente, uma proeminência maior de acento no termo *para*, mas não deixando, contudo, de constatar proeminência em outras palavras também, como revela a grade métrica a seguir:

(1)

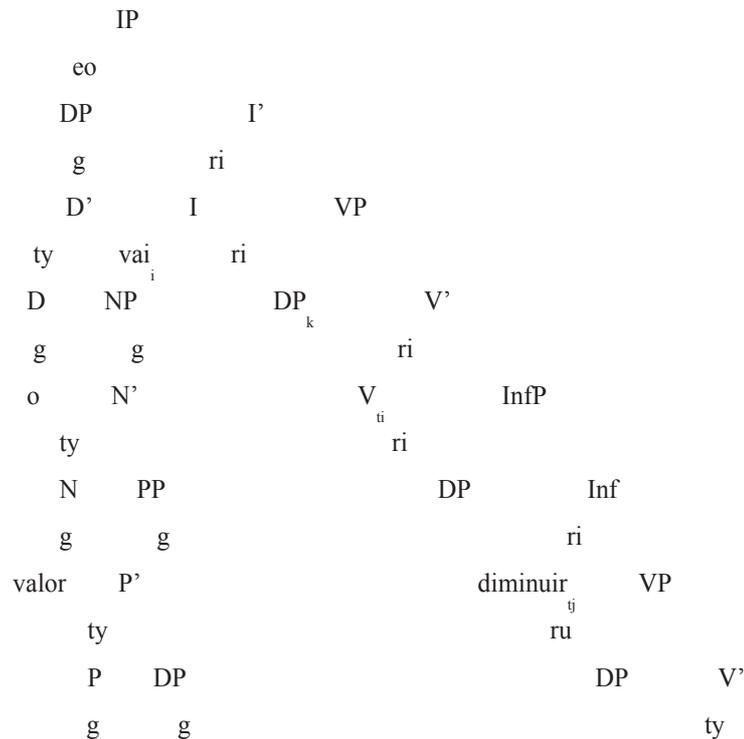
.	*
(.	.	.	.	*

* * (* * *)
 [O valor do frango [vai diminuir para]]

Conforme revelado na representação dessa grade métrica, a derivação do primeiro constituinte métrico se deu em *para*, e à direita, o que vem comprovar o princípio do “ciclo” da Regra de Acento Nuclear, em que o elemento mais interno da sentença (*para*) deve apresentar a primeira proeminência. No entanto, de acordo com Cinque (1993), se considerarmos que a relação entre os constituintes do sintagma acima for assimétrica, já que *para* é o elemento mais à direita, e, portanto, o mais encaixado, a direção da proeminência do acento, como na Regra acima, não precisa ser prevista. Daí, a explicação de *para* ter “atraído”, depois de receber o acento inicial, todos os asteriscos posteriores.

A representação métrica da árvore de (1) comprova a observação de Cinque.

(1) O valor do frango vai diminuir para?



	de	D'			V	PP
	ty			t _j	g	
	D	NP				P'
	g	g				g
	o	N'				P
		g				g
		N				para
		g				
		frango				

A proeminência do acento em *para* também foi constatada por uma outra perspectiva, como mostram as sentenças (2) e (3), que tomam tal preposição como foco. Assim, levando em consideração suas articulações de informação dentro da pressuposição e do foco, (2) e (3) permitiriam, respectivamente, questões do tipo (2a) *Para onde vamos?* e (3a) *Para onde Maria voltou?*. Uma interrogativa como (2a), em que introduz o VP *vamos* dentro do discurso, apresentará esse elemento como algo pressuposto, e *para* como foco, uma vez que representa um elemento importante que introduz o complemento, no caso apagado. Em (3), não seria diferente, pois, a partir da pergunta (3a), conseguimos abstrair o elemento pressuposto, a informação dada, NP Maria, e nos depararíamos com o foco *para*.

(2) a. Para onde vamos?

[Vamos] [para]?

P F

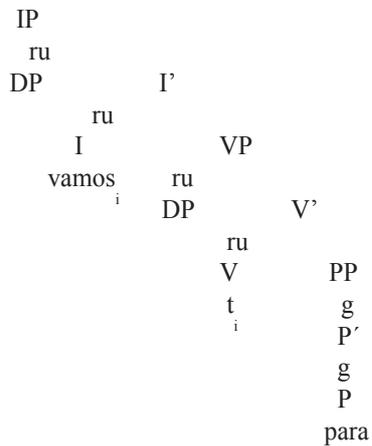
(3) a. Para onde Maria voltou?

b. [Maria voltou] [para]

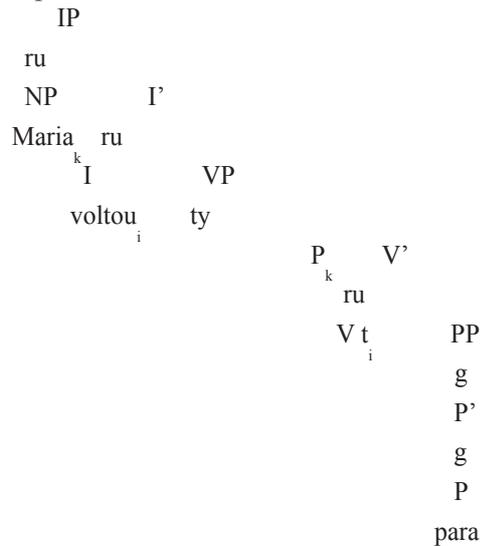
p F

Com isso, constatamos que a proeminência da sentença recai sobre o sintagma que constitui o foco. No caso, sobre a preposição *para*, introdutora do Sintagma Preposicional. Essa relação de foco e acento nos leva, mais uma vez, à representação de estruturas arbóreas de (2) e (3), a fim de comprovar a proeminência do acento no elemento mais encaixado *para*:

(2) Vamos para?



3) Maria voltou para?

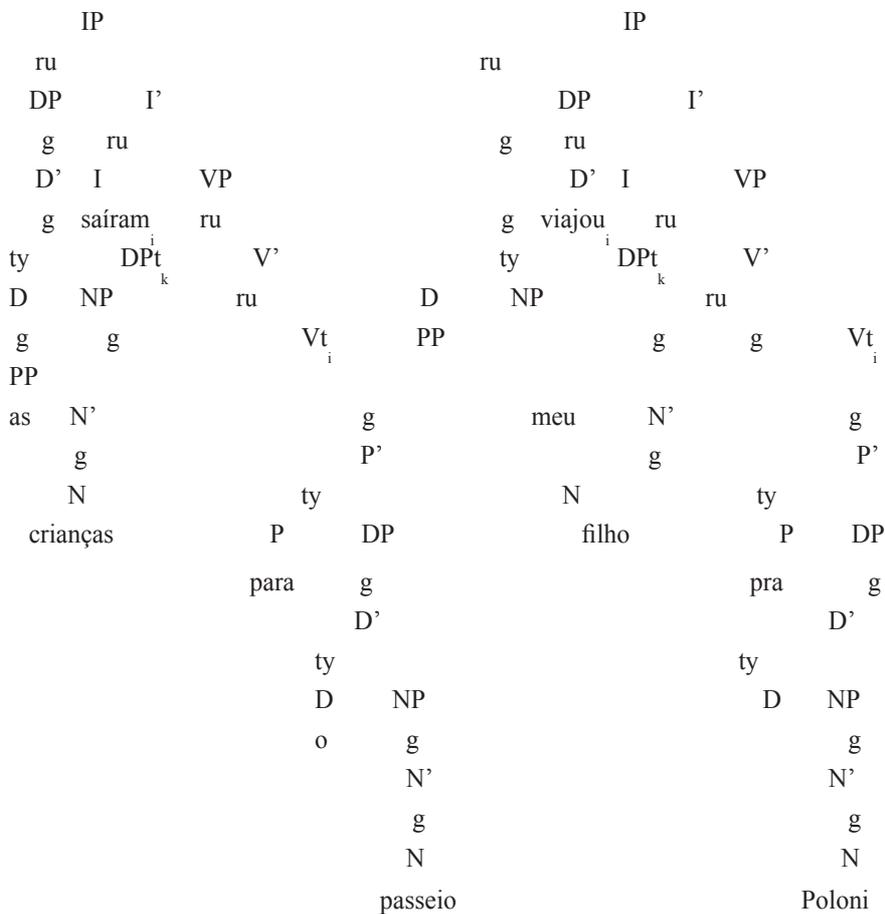


Pode-se pensar, ainda, um outro contexto para a preposição *para*, aquele em que esta ocorre em posição no meio da sentença. Supõe-se, nesse caso, que *para* perde seu caráter focalizador de final de sentença, deixando, assim, de ser o constituinte mais encaixado do sintagma, passando, portanto, a ser um constituinte desprovido de acento frasal, isto é, deixa de ser o elemento mais forte na sentença.

É interessante notar que, no contexto descrito acima, a preposição pode realizar-se sob duas formas: *para* e *pra*, as quais, supostamente, teriam grande aprovação por parte dos falantes da língua portuguesa brasileira. Tomemos como exemplo a representação das estruturas em (4) e (5), que revelam a posição, respectivamente, de *para* e *pra* em sentenças não finais.

(4) As crianças saíram para o passeio.

(5) Meu filho viajou pra Poloni.



Como podemos observar, em (4), *para* perde a posição de elemento mais encaixado para o N *passeio*, passando este, teoricamente, a ser o elemento com maior proeminência na sentença. Em (5), ocorre o mesmo processo; *pra* perde a posição de elemento mais proeminente, deixando, assim, que N *Poloni*, seja o mais encaixado em VP.

No entanto, não cabe a este trabalho um estudo mais profundo desses casos, que poderão ser desenvolvidos em pesquisas futuras.

Levando em consideração a distinção funcional/lexical discutida por Selkirk (1995), a seqüência [Fnc Lex] de (5) – [pra Poloni] – apresenta *pra* encabeçando um Sintagma Funcional, que é seguido por um Sintagma Lexical, o qual é encabeçado pela palavra *Poloni*, expressas na estrutura sintagmática a seguir:

(5)a. FncP
rh
LexP
g
Fnc Lex
g g
pra Poloni

Assim, a Fnc *pra*, em posição não final do sintagma, seguida de uma palavra lexical *Poloni* dentro do mesmo sintagma sintático, aparece, como podemos ver, em sua forma fraca. Casos como este podem ser representados por um modelo de Estrutura Prosódica, proposto por Selkirk:

(5) b. PPh
ty
σ PWd
g g
pra Poloni

De acordo com a autora, (5b) seria a melhor representação da Estrutura Prosódica para uma palavra de categoria funcional, uma vez que tal palavra é compreendida como um “clítico livre”, e não como palavra prosódica, se tomarmos como evidência a proposta da Redução Vocálica anunciada por Selkirk. Porém, considerando o caso de palavra funcional forte em final de

sintagma, a estrutura ideal seria a representação em (5c)

(5) c. PPh
 g
 PWd
 g
 σ
 g
 para

Como já previsto, a forma contraída (*pra*) da preposição *para* é bastante aceita pelo falante em estruturas não-finais, e, tendenciosamente, rejeitada em contextos finais. Essa distinção pode ser compreendida melhor, quando consideramos o processo de Redução Vocálica proposto por Vigário (1999), que utiliza tal procedimento para distinguir palavras funcionais de palavra lexicais.

A preposição *para* é uma palavra funcional dissilábica, constituída de acento, na primeira sílaba, e esta, quando sofre a redução vocálica, torna-se uma palavra átona, fraca. Tal processo, segundo Vigário (1999), é ativado no léxico e aplicado a palavras funcionais, mas estas não são designadas como palavra prosódica. Representamos, a seguir, essa relação de contração de *para* com o processo de redução vocálica:

PARA (dissílabo tônico)	>	PRA (monossílabo átono)
/'paPa/		/pP□/
g		g
[α]	⇒	[□]

Assim, apesar deste estudo apresentar uma análise preliminar da “prosodização” da preposição *para*, os dados parecem revelar que, em final de sentença, a preposição não sofre o processo de redução vocálica, configurando-se, portanto, como palavra prosódica, e não como clítico livre, quando em posição não-final.

Considerações finais

O presente trabalho tentou mostrar, por meio de algumas propostas teóricas, a interface Sintaxe-Fonologia da posição e da proeminência de acento em palavras funcionais, em especial a preposição *para*. Os resultados do expe-

rimento que se realizou neste trabalho, juntamente com a análise de algumas sentenças, mostraram que o falante da língua portuguesa, de um modo geral, aceita a aparição de *para* no fim de sentença, e automaticamente, rejeita sua forma reduzida *pra*, nessa mesma posição. .

Tal situação nos leva a entender que a forma *pra* não será aceita em sentenças finais pelo fato deste elemento contraído ser átono; não se apresentar na forma de foco na sentença; e, conseqüentemente, por não ser o constituinte posicionado mais à direita na sentença. Com isso, foi constatado que a forma *pra* pede um complemento, no qual representa o elemento que o insere no sintagma.

Mesmo chegando a essas constatações positivas, devemos reconhecer que o presente trabalho apresenta uma contribuição muito pequena para a literatura fonológica abordada. O experimento realizado revelou-se muito limitado, seja na quantidade, qualidade e tipo de sentenças levantadas, seja quanto à proposta e aos objetivos. Enfim, não dispensamos uma análise mais profunda e abrangente dos fatos levantados neste trabalho, uma vez que apresentamos aqui algumas constatações e reflexões da relação Sintaxe-Prosódia.

Referências

- CINQUE, G. A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry*, v. 42, n. 2, p.239–291, 1993
- GONÇALVES, C. A. V. *Focalização no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 401 p., 1997. mimeo.
- INKELAS, S.; ZEC, D., (Orgs.) *The phonology-syntax connection*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- _____. Syntax-phonology interface. In John Goldsmith (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, MA: Blackwell, p.535-569, 1995.
- MENUZZI, S.; MIOTO, C. Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.14, n.2, p. 211-243, jun./dez. 2006.
- SANDALO, F.; TRUCKENBRODT, H. Some notes on phonological phrasing in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge, v. 42, p.285-310, 2002.
- SANDALO, F. *Fonologia prosódica e teoria da otimalidade: reflexões sobre a interface sintaxe e fonologia na formação de sintagmas fonológicos*. (s.d.).
- _____.; TRUCKENBRODT, H. Some notes on phonological phrasing in Brazilian portu-

Adriana Gazola

guese. In: Phonological answers (and their corresponding questions). *MIT Working Papers in Linguistics*, 42, p.285-310, 2002.

SILKIRK, E. The Prosodic Structure of Function Words. In: BECKMAN, J. et al. *Papers in optimality theory*. University of Massachusetts Occasional Papers. 18 ed. Ambsert: GLSA, p.439-469, 1995.

SILVA, A. da. *A relação entre a fala e a segmentação na escrita espontânea de crianças da 1ª série do primeiro grau*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1989.

TRUCKENBRODT, H. *Phonological phrases: their relation to syntax, focus, and prominence*. Doctoral Dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 1995.

VIGÁRIO, M. On the prosodic status of stressless function words in european portuguese. In: HALL, T. A.; KLEINHENZ, U. (Eds.) *Studies on the phonological word*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p.255-291, 1999.

Recebido para publicação em 17 de julho de 2008.

Aceito para publicação em 30 de setembro de 2008.